

RESENHA SOBRE O LIVRO: A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

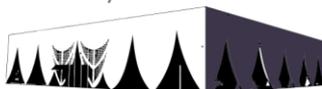
Me. Ewerton de Jesus Vieira  0000-0002-2864-863X
Dr. Marli Delmônico de Araújo Futata  0000-0002-0058-7177
Universidade Estadual de Maringá – UEM

CAZAVECHIA, William Robson. **A educação na sociedade do espetáculo.**

São Paulo: Dialética, 2023. 276 p. ISBN 978-65-252-9754-5

O livro e a arte da capa são autoria de William Robson Cazavechia, mestre e doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, com estágio pós doutoral na mesma instituição. Possui Especialização em Docência no Ensino Superior, nas modalidades presencial e à distância. Possui bacharelado em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (CESUMAR - 2007), Licenciatura em Filosofia (2019) e Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER - 2023) e Artes Visuais pela mesma instituição (2023).

Tem experiência em docência nas modalidades presencial e à distância e em saberes interdisciplinares. Participa do Grupo de Pesquisa sobre Política, Religião e Educação na Modernidade (UEM), sendo o pesquisador responsável pela Linha de Pesquisa: Educação na Sociedade do Espetáculo; pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Formação Humana (FORMA/UNESC/CNPq); e pesquisador do GEPHEELE - Grupo de Estudo e Pesquisa em História da Educação e do Ensino de Leitura e Escrita (UEM). Atua como professor de Filosofia na Rede Pública de Ensino no Estado do Paraná - SEED e como fotógrafo documentarista, na Produção e na Formação Cultural e Técnica em Artes Visuais pela Ingirum - palavra e imagem.



O livro é fruto de uma tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá em 2022 e que contou com o incentivo financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A tese foi construída a partir da continuidade da pesquisa sobre a educação e os meios de comunicação social, realizada no mesmo programa, em nível de mestrado. A dissertação, defendida em 2017 com o título: “A educação para além da sala de aula no pensamento do intelectual Herbert Marshall MacLuhan (1911-1980)” também publicada em livro no mesmo ano pela editora CRV, de Curitiba, analisou a concepção de educação de Marshall McLuhan e tomou os trabalhos de Guy Debord como interlocução crítica à concepção do canadense. Foi a partir daí que buscou ampliar a análise sobre a obra do francês Guy Debord acerca da *Société du Spectacle*.

O livro apresenta cinco seções. A primeira seção é a introdução e inicia na página 21, possuindo 14 páginas; a segunda seção é o primeiro capítulo do livro e está subdividida em 3 seções; a terceira seção é o segundo capítulo do livro e está organizada em 2 seções; a quarta seção é o terceiro capítulo do livro e tem apenas 2 seções; e a quinta seção é a conclusão do livro.

A temática e a linguagem da obra estão inseridas na filosofia e na história da educação. No livro é possível percebermos que o autor utiliza a categoria de totalidade histórica, fundamental no interior do método dialético e que é o fio condutor para refletir os fenômenos sociais de forma ampla. No caso desse livro, a categoria é utilizada para evidenciar a questão da educação a partir de um procedimento de pesquisa bibliográfica. Na sociedade do espetáculo, há um processo de mediação da construção da percepção humana pela lógica social da mercadorização da vida. Por isso, esse processo se constitui na alienação da percepção pela produção estética do fetiche da mercadoria. A educação, conforme nos apresenta o livro, está inserida nessa produção por meio da apropriação dos processos de internalização pelos especialistas do poder. Essa informação está presente na introdução do livro.



O primeiro capítulo é a segunda seção da obra, que tem como título a Questão de classe: A educação no processo de uniformização da sociedade. Esse item se inicia na página 35 e termina na página 106. O autor utiliza uma estratégia metodológica na obra deixando claro quais os objetivos das seções nos primeiros parágrafos dos itens. O primeiro capítulo tem como objetivo definir a educação como uma questão de classes e apresenta, na página 84, que a educação não se realiza como formação humana e campo de democratização dos saberes produzidos e acumulados na sociedade capitalista, mas, é concretizada como um meio de formação sem a possibilidade de construção efetiva da transformação do corpo social. Acrescenta que a educação é dominada, hegemonicamente, pelos grupos privados que são proprietários dos meios de comunicação e formação. Essa discussão foi contextualizada em meados do século XX.

Esse capítulo contextualiza a questão da educação de acordo com o que acontecia no mundo. Com a leitura do item, percebemos que o autor analisa vários autores para fazer uma discussão sobre a educação, de forma ampla. Assim, estão presentes nesse item: István Mészáros, Guy Debord, Eric Hobsbawm, Karl Marx; Theodor W. Adorno; Antonio Gramsci; Alysson Leandro Mascaro; Dermeval Saviani; Pierre Dardot, Christian Laval; David Harvey; Michel Aglietta; Evguiéni Pachukanis; Georg Lukács; Ricardo Antunes; Jonathan Beller; Bernard Edelman; Perry Anderson; Domenico Losurdo; Michael Löwy; Mario Alighiero Manacorda; Walter Benjamin; Hans Magnus Enzensberger; Antonie Coppola; Herbert Marshall McLuhan; Bernard Charlot; Charles Reeve; Paolo Nosella. O item finaliza apresentando os sentidos do trabalho, que mudaram ao longo da História, e que a educação que qualificou o cidadão para o trabalho também se alterou, mas não se ateu à questão de seu tempo livre.

É apresentada a concepção de tempo livre “como o veículo de transcendência da oposição entre trabalho mental e trabalho físico, entre teoria e prática, entre criatividade e rotina maquinal e entre fins e meios [...]” (Cazavechia, 2023, p. 104). Assim, temos, na página 105, que os media, tais como televisão, rádio, cinema, públicos e privados são todos termos de uma indústria educativa

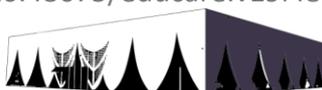


em ascensão. Por isso, o autor mostra que essas são práticas educativas promovidas pela sistematização do controle social e pela planificação da sociedade em sua totalidade.

O segundo capítulo é a terceira seção do livro, que tem como título A Educação em Protesto: O Intelectual Guy Debord e a Crítica ao Modo Estético da Representação Capitalista. Esse item se inicia na página 107 e termina na página 182. O autor inicia deixando claro que o objetivo da seção é explicitar a biografia do autor francês em seu contexto imediato. Logo em seguida ele apresenta a definição de relação social estética, que é definida como uma relação social mediada pela mercadoria em seus domínios próprios. Assim, a relação social estética se deu quando as pessoas, em determinado momento histórico particular, estabeleceram relações por imagens, a partir das quais, foram representadas as atividades alienadas, e muito especialmente, na sociedade capitalista.

O segundo parágrafo da página 107 afirma que a mercadorização da educação foi um processo de transição que se deu ao longo do movimento histórico durante todo o século XX particularmente. A educação transitou de seu estatuto estatal para seu estatuto de mercado. Nos anos de 1950 e 1960, a educação se tornou um território de disputas em razão da sua natureza estratégica, e por isso mesmo, política, enquanto prática formadora da percepção. Daí que, na sociedade denominada espetacular, a própria percepção ganhou proporções políticas. Entretanto, observamos, na leitura do texto, que, na denominada sociedade do “espetáculo”, tanto a percepção quanto a consciência são alienadas.

Em seguida, temos a apresentação de Guy Debord como um intelectual em sentido gramsciano e anticapitalista. O francês viveu inserido nas atividades dos grupos de vanguarda de seu tempo. Escreveu e pensou, no decorrer de anos, sobre a superação da sociedade de seu período. Segundo o texto, ele foi tributário de Hegel e de Marx em sua análise da sociedade, descrita como *société du spectacle*. Foi uma pessoa de ação e tinha visão revolucionária. Teoricamente, denunciou o que percebia como a escravidão da mercadoria. Na obra: *La Société du Spectacle* (1967), ele apresentou uma síntese de seu pensamento.



Ele demonstrou sua aptidão para a subversão e a crítica radical da sociedade de consumo. Suas experimentações e performances artísticas se desenvolveram conjugando as várias formas e técnicas de crítica social. Desenvolveu trabalhos experimentais no cinema, nas artes plásticas e na literatura e no interior das movimentações sociais nas décadas de 1950 e 1960, na França. Nessa seção é apresentada também, a educação como mercadoria, que é resultado das condições materiais da construção histórica da mediação abstrata da formação social e da consciência. Por fim, são apontados os principais teóricos presentes no segundo capítulo da obra: Michel Aglietta; Noam Chomsky; Guy Debord; Vicent Kaufmann; István Mészáros; Pierre Dardot, Christian Laval; Karl Marx; Jorge Grespan; Adauto Novaes; Raymond Williams; Mario Alighiero Manacorda; Jacques Capdevielle; Henri Rey; Anita Leandro; Isabel Castro; Michael Löwy; Diego Ruedas Torres; Vidal Labajos Sebastián; Antonie Coppola; Andy Merrifield; Giorgio Agamben; Anselm Jappe; Régis Debray; Alain Badiou; Charles Reeve; Bernard Charlot; Fredric Jameson; Hans Magnus Enzensberger; Jesús Martín-Barbero e Bernard Edelman.

O terceiro capítulo é a quarta seção do livro e tem como título A Educação no Livro: La Société du Spectacle. Esse tópico se inicia na página 183 e finaliza na página 247. O objetivo dessa seção é explicitar a educação conforme a crítica de Debord à denominada sociedade do espetáculo. O autor apresenta, na página 186, que o processo de espetacularização da educação consistiu em um rapto dos sentidos e significados humanos pela lógica expansionista da sociedade capitalista.

Assim, a educação, enquanto mercadoria, tornou-se uma atividade da estética do fetichismo da mercadoria. Isso, segundo Cazavechia e Debord, são processos de falsificação da realidade e a realidade da desumanização. A educação é apresentada como processo de desumanização, produzido pela mercantilização da vida social. Na página 187, Cazavechia apresenta Guy Debord como marxista, assim, compartilhou das concepções sobre a educação como um conjunto de ações e medidas de oposição à barbárie.



Logo depois, é apresentada a teoria do spectacle, que se mostra como uma dentre outras teorias, e que estabeleceu para si um ponto de partida, a fim de esclarecer, a partir da mercadoria, as condições cotidianas da revolução e da dominação. E o faz, sobretudo, a partir de uma estética constestatória, entendida como uma proposição ética refletida sobre o reconhecimento e o exercício da percepção e da prática educativa.

Por fim, essa seção destaca que são três as formas históricas da produção de spectacles: difusa, concentrada e integrada. Entretanto, em todas as formas do spectacle, a exigência do reconhecimento da vida como aparência consiste na captura da consciência, em um raptos dos sentidos, que transforma toda aparência em algo simples e trivial. Portanto, o aspecto fundamental do spectacle é uma formulação pelo avesso do valor vivido, a transformação de toda a vida humana em aparência de vida e de toda a aparência em mercadoria.

Na página 211, o spectacle é, antes de tudo, uma forma de mediação e, no exercício da formação dos sentidos, produz e reproduz a alienação em uma circularidade, na qual afirma a si mesmo. Esta circularidade ensina, educa e promove a idealização da realidade imediata a partir da experiência do indivíduo separado. Portanto, o spectacle manifesto, seja em qualquer uma de suas formas, conduz e organiza a cognição e os sentidos humanos.

A parte final da seção apresenta que o spectacle tem algumas intenções: fazer desaparecer o conhecimento histórico geral; a segunda é a supressão da insurreição e do encontro; terceiro, o spectacle transformou a arte em fetiche espetacular; e a quarta é o spectacle, que se tornou a mediação no conjunto das relações sociais que caracterizam a educação. Desse modo, o autor apresenta que o spectacle educa sua sociedade querendo prescindir da História, e que o conceito de spectacle, conforme exposto por Debord, está profundamente relacionado ao engano, seja da fome, da abundância ou do conhecimento. Por fim, essa seção discute os seguintes teóricos: Karl Marx; Guy Debord, István Mészáros; Raoul Vaneigem; Douglas Kellner; Plínio Fernandes Toledo; Herbert Marcuse; Walter Benjamin; Georg Lukács; Michael Löwy; Antonie Coppola; Antonio Gramsci;



Jacques Capdevielle; Henri Rey; Michel Aglietta; Theodor W. Adorno; Mario Alighiero Manacorda; Paolo Nosella; Gilles Lipovetsky; Jean Serroy; Fredric Jameson; Pierre Dardot, Christian Laval; David Harvey; Daniel Bensaid; Terry Eagleton; Jorge Grespan.

A conclusão é a quinta seção do livro. A seção inicia na página 249 e finaliza na página 259. O autor defende que a educação é compreendida como processo da construção da percepção da realidade no âmbito das relações sociais. Pensar a educação e o humanismo, na sociedade capitalista, implica pensá-los como mediação e contradição, quer dizer, pensar a relação dos seres humanos consigo mesmos e com a natureza na forma política de um conflito de classes antagônicas, que, no momento histórico do spectacle, segundo Debord, foram fragmentadas pela lógica da relação social determinada pela mercadoria imagem. No spectacle a educação não existe como lugar onde se travam as lutas de classes, mas existe sim, como os espaços urbanos da troca de uma mercadoria específica. Por fim, a educação, no spectacle, só existe como mercadoria e está sujeita às demandas do neoliberalismo.

Podemos apresentar a obra como uma espiral decrescente na construção das ideias e uma espiral crescente na explicação da obra. Sendo assim, existe uma discussão ampla sobre o assunto no primeiro capítulo; no segundo, o autor delimita essa discussão e apresenta o seu objeto no terceiro capítulo, que tem como ponto central a educação conforme a crítica de Debord. Assim, sugerimos uma leitura cuidadosa da obra tendo em vista que o livro apresenta teóricos e conceitos clássicos da filosofia da educação e traz uma refinada atualização sobre o conceito de Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord para o século XXI. A obra é um convite a todas as pessoas que acreditam na importância da educação integral dos sentidos (indivíduo), pautados pela autonomia, liberdade e pensamento reflexivo. Por isso, a obra é um brinde ao pensamento crítico e uma denúncia à forma de educação na sociedade do espetáculo, que pode ser entendida como uma forma de enganação e alienação.



